

A CONSTRUÇÃO DO ÍCONE FEMININO: ASPECTOS DA INFLUÊNCIA CULTURAL NA
CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA

THE CONSTRUCTION OF THE FEMALE ICON: ASPECTS OF CULTURAL INFLUENCE
IN THE CONSTITUTION OF FEMANLE IDENTITY

Josiane MAGALHÃES*
Ricardo Antonio de PAULOS**

RESUMO: Este texto propõe uma análise sobre os processos de construção da identidade feminina através dos modelos de beleza socialmente aceitos e discute alguns dos problemas decorrentes desse modelo.

UNITERMOS: Identidade; feminina; influência cultural; socialização; distúrbios corporais, obesidade; beleza.

ABSTRACT: This text proposes an analysis about the processes of female identity building through beauty models socially accepted and it discuss some problems resulting from this model.

UNITERMS: Identity, female; cultural influence; socialization; body disorder; obesity; beauty.

INTRODUÇÃO

A influência cultural pode ser observada na formação humana desde seu nascimento e acompanha os indivíduos pela vida toda. É

* Socióloga, professora efetiva da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), doutoranda em Educação pela Unesp/Marília/SP.

** Graduando junto à faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

através do meio que o indivíduo recebe estímulos que irão desenvolver seu potencial, geneticamente transmitido.

As influências que os indivíduos irão receber serão diferentes, dependendo do tipo de sociedade na qual se inserem. É durante os processos de identificação e diferenciação dos sujeitos em relação ao ambiente que os cerca que se constroem as suas identidades. A construção da identidade feminina desenvolve-se em um primeiro estágio, na diferenciação de gênero: feminino e masculino. Esses grupos irão receber estímulos, valores e modelos condizentes com o que se espera desses indivíduos na sociedade.

Os papéis, tanto para homens quanto para mulheres, delineiam-se de acordo com estereótipos que as sociedades elegem como os modelos a serem seguidos ou que servirão de referenciais, a fim de que se atinja uma certa padronização das ações e dos atores sociais. É a partir dessa necessidade de padronização social que temos a construção dos ícones, ou seja, os símbolos que irão representar os valores máximos daquela sociedade em que está inserido o ícone.

Dentre os vários ícones que nossa sociedade elege, iremos assinalar alguns que ajudam a formar a identidade feminina: a boneca Barbie, as modelos que desfilam no mercado de alta-costura, as mulheres musculosas (body-buildings) e o modelo da adolescente que se veste com elementos antigamente associados aos homens, como piercings, tatuagens e bermudas, ao invés de saias.

Alguns desses ícones são positivos, reforçando uma postura desejável na sociedade, como ocorre com a forma física das modelos e da própria boneca. Outros negativos, ou seja, representam aquilo que não é desejável do ponto de vista hegemônico na sociedade. Tanto os positivos como os negativos irão dar o tom do padrão vigente na sociedade e que irá estruturar uma determinada concepção de mulher e feminilidade.

O propósito do ícone como referencial dificilmente é atingível, o que em si traz para as mulheres todo tipo de problema de adequação, tornando-se uma obsessão. A impossibilidade de se igualar ao ícone gera uma relação de duplo sentido, naquilo que se refere à parte

físico-psíquica das mulheres. Existe uma proposição que é física enquanto ícone, possível para um mínimo grupo de mulheres anoréxicas. A grande maioria acaba por desenvolver algum tipo de distúrbio, que varia desde uma depressão até bulimias e anorexias.

1. Ícones de beleza x Distúrbios de imagem corporal: reflexo no aumento de casos de bulimia e anorexia nervosa

Um dos grandes dilemas colocados pela nova era contemporânea tem sido como lidar com as decorrências das influências socioculturais no bem-estar físico-mental do indivíduo. Isso resulta, por exemplo, do aumento do número de casos de bulimia e anorexia nervosa que tem sido observado, sobretudo entre as mulheres, e que tem constituído, senão causas de morte, ao menos prejuízos ao bem-estar do indivíduo.

Deve-se reconsiderar então diversos fatores, que antes eram parcial ou completamente desprezados, como possíveis interventores ou participantes do processo de resolução de casos clínicos, para se poder lidar melhor com o problema. Entre eles está justamente a noção da dimensão de um ícone que, nesta nova era, pode ter um poder de ação multiplicado por várias vezes pela mídia, que anteriormente também tinha menor valor.

A mídia, ao estabelecer modelos magérrimas como ideal de beleza no mundo da moda e, conseqüentemente, modelos de mulher para o mundo todo, faz com que a preocupação com o corpo se torne cada vez mais importante, a ponto de se fixar como aspecto fundamental, uma meta de vida. Esse mecanismo de divulgação desenfreada de um ícone de beleza, visto a todo tempo em outdoors, revistas, televisão e outros meios de comunicação, é capaz de gerar uma verdadeira obsessão por parte das mulheres na sociedade e causar diversos prejuízos de ordem mental e física.

É interessante ressaltar que isto também ocorre com os homens, porém os sintomas não são tão aparentes como são com as mulheres,

quando há reflexo direto no aumento do número de mulheres com distúrbios de imagem corporal. No entanto, o ideal do homem forte, musculoso também tem sido divulgado com crescente frequência pela mídia, o que tem resultado na multiplicação de academias de musculação e de seus frequentadores (inclusive de mulheres) e também no número de fisiculturistas. Neste caso, podem se desenvolver distúrbios mentais e corporais, esses últimos em decorrência do uso indevido de esteróides, muito comum entre fisiculturistas.

O fato de o ícone aparentemente não afetar os homens de maneira tão intensa como o faz com as mulheres pode talvez ser explicado pelo fato de não haver ainda uma completa uniformização do homem ideal, na visão das mulheres, ou o fato de as mulheres buscarem nos homens características internas, como sensibilidade, companheirismo. Isso, entretanto, não pode ser dito, em geral, em relação aos homens, pois, se a mulher não é bonita, dificilmente ele irá querer conhecê-la e, por conseguinte, suas características internas. Pode-se dizer que ainda há uma boa parte das mulheres que preferem homens elegantes e não tão musculosos, embora haja uma crescente preferência por aqueles com musculatura mais bem desenvolvida e definida e uma ojeriza cada vez maior aos gordos (o que também se vê no caso das mulheres). Esta diferença de valor de ícones para homens e para mulheres é comentada por Calligaris:

Também há cânones para os homens, mas certamente menos rigorosos. Os homens podem se chatear com sua distância do “Marlboro Man”, mas esta não parece fazer causa quando devem hastear a bandeira e gritar “sou um homem!”.

Em suma, a sociedade parece compensar a inexistência do conjunto das mulheres com um cânone de feminilidade. Naturalmente o cânone não é imutável, não revela nenhuma essência. [...] as mulheres – como o movimento feminista já notou há tempo – parecem passar por um treinamento para virem a ser mulheres. A

feminilidade, mais do que a masculinidade, é denunciada – com alguma razão – como uma aprendizagem forçosa de conformidade a ícones sociais. (CALLIGARIS, 1996).

Deve-se, portanto, salientar que a mídia provoca efeitos indiretos que são, por vezes, tão importantes para a determinação da causa desses distúrbios corporais quanto os diretos. Um exemplo bastante evidente é que a escolha de um ícone de beleza feminino, além de seu efeito direto, que é a própria recepção do mesmo pelas mulheres, vai ainda influenciar os homens, que passarão a também considerá-lo como um ideal de beleza feminino. O resultado disso é que as mulheres distantes do ícone apregoado serão provavelmente preteridas pelo sexo oposto. Isto então seria um efeito indireto, porém com atuação determinante e sinérgica com o efeito direto, intensificando-o e assim colaborando enormemente também para suas conseqüências maléficas.

2. Obesidade: o outro lado da moeda

Uma outra abordagem a ser feita sobre o assunto diz respeito aos insucessos na perseguição do ícone. Até então, foram abordados com mais detalhes apenas os casos de distúrbios de imagem corporal resultantes da tentativa de se igualar ao cânone de beleza feminina, quando, então, por uma alteração da estrutura psíquico-mental do indivíduo, ele passa a não conseguir mais determinar o ponto ideal para parar de emagrecer.

Há, entretanto, o outro lado da moeda: os indivíduos gordos, que não conseguiram ou, por revolta, não tentaram ou propositalmente se afastaram do ícone de beleza, que no caso abordado para o sexo feminino, está relacionado à magreza.

Nesse caso, há, da mesma maneira que nos casos de anorexia e bulimia, acometimentos de ordem psíquica e corporal. No entanto, tem havido uma tendência a dar mais importância para os distúrbios

de ordem psíquico-emocional. Embora a sociedade médica já venha nos últimos anos listando e divulgando, inclusive pela mídia, os fatores de risco relacionados à obesidade¹ (e são muitos!), o fator de distância do ícone de beleza tem sido motivo de maior preocupação e de problemas refletidos até fisicamente nos indivíduos obesos do que a própria obesidade, como prejuízo direto à ordem física do indivíduo.

Como exemplos desse fato, temos o surgimento de grupos de defesa dos direitos dos indivíduos gordos, em relação à não discriminação no âmbito social, no profissional ou no afetivo. De fato, parece evidente que os indivíduos tachados como gordos sofrem alguma forma de discriminação na sociedade atual e muitas vezes sentem-se desrespeitados e ofendidos em determinadas situações cotidianas. Segundo Calligaris,

proliferam associações de defesa da gordura. Os homens gordos lutam por direitos básicos (como encontrar assentos decentes em um avião ou em um cinema, como encontrar roupas adequadas) e contra sua medicalização: fisiológica ou psicológica. As mulheres gordas lutam por muito mais, lutam por manter, defender sua desejabilidade: em última instância, pela possibilidade de continuar sendo mulheres e não “gordonas. (CALLIGARIS, 1996)

Existe na Internet, por exemplo, um site chamado Fat Girl, para as lésbicas gordas e as mulheres que gostam delas. A luta com o cânone, a dolorida comparação com os ícones da beleza, não concerne só às mulheres heterossexuais. O cânone é indiferente à preferência sexual, pois sua pregnância social não é um efeito de misteriosas preferências masculinas, mas uma resposta social – arbitrária – à carência de uma definição possível do feminino. (CALLIGARIS, 1996)

¹ Os fatores de risco relacionados à obesidade manifestam-se em diversos tecidos e pertencem a ordens diferentes: de ordem cardiovascular, como a isquemia, a arteriosclerose, os AVCs (acidentes vasculares cerebrais); de ordem bioquímica, como a hipercolesterolemia, hipertrigliceridemia; predispõe ainda a diabetes tipo II e a casos mais leves de distúrbios glicêmicos. (GUYTON e HALL, 2002).

Vê-se, portanto, que os próprios indivíduos gordos estão mais preocupados com a questão estética do que propriamente com os possíveis males que a obesidade pode causar. Essa questão é importante, pois passa a ser fundamental trabalhar a parte psicológica do indivíduo, no tocante aos benefícios do emagrecimento, pois este não o enxerga como um problema de saúde. Esse fator deve ganhar, pois, relevância na prática médica de atendimento aos indivíduos com essa característica.

Há também de se notar que os casos de obesidade, por muitas vezes, têm uma etiologia bem definida e são, de fato, decorrentes de um processo patológico. A tendência frente a essa nova realidade de constante busca do cânone de beleza será, no entanto, tratar esses casos de forma errônea, ou seja, mais uma vez abordando a questão estética.

Um exemplo bem claro disso são os casos de obesidade resultantes da Síndrome do Ovário Policístico (SOP). Essa patologia, que acomete apenas mulheres e é muito prevalente entre elas, está freqüentemente associada à obesidade. É, todavia, interessante o fato de que as mulheres sejam, no geral, muito pouco esclarecidas sobre o assunto, o que acaba trazendo sérios agravos de ordem física e, principalmente, psicológica.

As mulheres com essa síndrome, como a maioria das mulheres obesas, lutam para emagrecer, em busca do cânone de beleza. No entanto, elas não terão sucesso, a menos que tratem a causa do problema, ou seja, a SOP². Elas vivem fazendo dietas e mais dietas,

² O tratamento da SOP consistiu, durante muito tempo, na utilização de medicamentos como o Diane 35mg que, no entanto, combatiam somente o hirsutismo e o acne, outros dos sintomas freqüentes da SOP. Como a etiologia dessa síndrome ainda é desconhecida, algumas causas são levantadas para tentar encontrar resoluções, ao menos, para os sintomas. A etiologia da doença mais aceita atualmente é a da resistência à insulina. Passou-se então a administrar medicamentos que tratassem esse distúrbio, como as tiazolidinedionas, a metformina e as sulforrêias. Dessa maneira, passou-se a tratar e até a prevenir a obesidade, visto que age no ponto crítico do desenvolvimento da obesidade. O diagnóstico precoce da SOP, através de sintomas como a amenorréia, por exemplo, pode proporcionar a prevenção do desenvolvimento da obesidade. (CALLIGARIS, 1996).

fazem ginástica, compram kits emagrecedores e toda aquela parafernália que a “indústria da magreza (ou da obesidade?)” está sempre dispondo no mercado, pronta a lucrar com esse distúrbio.

3. O novo papel dos profissionais de saúde na condução e resolução dos casos de distúrbios relacionados à busca do ícone de beleza

Deve-se ressaltar a parcela de culpa da sociedade médica nessa nova abordagem sobre o assunto, pois ela poderia minimizar – e muito – esses distúrbios. Como exemplo, temos a própria SOP. Apesar de ter sido descoberta na década de 30 do século passado, sua divulgação entre as mulheres é muito pequena. E isso ocorre, provavelmente, porque a preponderância masculina no meio médico, que se deu até há pouco tempo, emperrou as pesquisas sobre o assunto, assim como não deu a devida importância à obesidade como acometimento físico e, principalmente psíquico-emocional para as mulheres, fator este de crescente importância nesta nova era de cânones magérrimos de beleza.

Da mesma maneira, os profissionais envolvidos com a resolução de casos de distúrbio de imagem corporal devem estar atentos à interferência do ícone no processo patológico, buscando um tratamento que cure não só os sintomas causados pelo distúrbio, mas que também aja na parte psicológica do indivíduo, tornando-o consciente e esclarecido sobre as causas que o levaram a desenvolver a patologia e como pode ser evitado que ela ocorra novamente, seja através de medicações, seja de desenvolvimento de atividades que contenham a ansiedade, seja por algum outro tipo de terapia alternativa.

É particularmente importante então que, não só a sociedade médica, mas psicólogos e outros profissionais ligados aos casos, estejam a par dessa nova forma de atuação dos ícones, como também a sociedade de uma maneira geral, podendo-se assim prevenir ou

reduzir os efeitos maléficos que os distúrbios de imagem corporal, assim como a obesidade, podem causar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLIGARIS, C. *Crônicas do individualismo cotidiano*. São Paulo: Ática, 1996.

GUYTON, AC e Hall, JE: *Tratado de Fisiologia Médica*, 10.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

